

**Associação Brasileira de Antropologia
Prêmio Heloísa Alberto Torres**

Daniel Vaz Lima

**Universidade Federal de Pelotas
Programa de Pós-Graduação em antropologia (PPGAnt)**

***“Cada doma é um livro”:*
A relação entre humanos e cavalos no pampa sul-rio-grandense**

Profa. Dra. Flávia Maria Silva Rieth.

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4367435D2>

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4782161P3>

Resumo: Neste texto apresento a dissertação de mestrado que consistiu numa etnografia sobre a relação entre humanos e animais no pampa sul-rio-grandense tendo como referência a interação estabelecida entre os *domadores* e os cavalos na *doma*. Essa relação constrói a própria técnica, as lides pastoris e o modo de vida. O *domador* é o artífice que possui a habilidade das técnicas de ensinar cavalos para atividades relacionadas aos trabalhos que envolvem a pecuária extensiva. É um saber/fazer constituído de diferentes momentos nos quais se acionam a utilização de determinados artefatos, estabelecendo uma interação em que o humano e o cavalo aprende formas de comunicação. Estes conjuntos de técnicas se classificam de acordo com a graduação da violência empreendida para *domar* o cavalo, embora, de acordo com os interlocutores, cada *domador* tem suas escolhas técnicas que são acionadas a partir da relação estabelecida com o cavalo. No processo é estabelecido uma interação em que o *domador* ensina o cavalo, e este, por sua vez, o ensina na habilidade da execução das técnicas, fazendo-o experienciar diferentes maneiras de praticar tal saber/fazer. O cavalo constitui-se como um agente que, conforme a sua personalidade, vai demandar o manejo de diferentes habilidades para ensiná-lo. O objetivo central desta pesquisa é contribuir às discussões antropológicas acerca das transformações que ocorrem na sociedade contemporânea – e também na área – acerca da relação entre humanos e não humanos.

Palavras – chave: Humano/cavalo, técnicas de *doma*, modo de vida campeiro, trabalho.

1 - Introdução: A construção de uma etnografia a partir do INRC – Lidas Campeiras na região de Bagé/RS

As circunstâncias que levaram a construção desta pesquisa sobre a relação entre humanos e cavalos no pampa sul-rio-grandense não aconteceram isoladamente no sentido de que estão constituídas em redes de relações que se entrelaçam nos encontros da vida cotidiana e acadêmica. Primeiramente, nasci e vivi no campo - ou no meio rural -, até os 20 anos de idade quando passei a residir na cidade para cursar a faculdade. Minha família é proprietária de um estabelecimento familiar num município localizado na microrregião de Pelotas no Sudoeste do Rio Grande do Sul. Assim este modo de vida constituído a partir de uma estreita relação com os outros animais marcou minha forma de perceber o mundo. Entretanto, meu interesse por conhecer do modo de vida dos campeiros, que são trabalhadores especializados no manejo dos saberes e modos de fazer que envolvem a pecuária no pampa, foi um processo gradativo que começou quando tinha quinze anos de idade, momento em que o meu pai conseguiu um cavalo de pelagem tordilho. Desde de sempre este se mostrou um cavalo com personalidade dócil sendo com ele que aprendi a trabalhar. Este cavalo nasceu com uma pata dianteira torta o que faz, no linguajar dos campeiros um *cavalo tropicão*. Tal como seu pai ele seria treinado para ser um *parelheiro de cancha reta*¹, ou seja, um cavalo para corrida. Porém, por essa

¹ Área plana e reta para o esporte de corrida de cavalos.

contrariedade fisiológica foi ensinado, não para disputar corrida, mas para ser um cavalo de montaria para trabalhos no campo. Meu pai o ensinou também a realizar os serviços de tração, como por exemplo, para puxar a *capinadeira* que é um pequeno arado para lavar a terra no espaçamento que fica entre os cultivos. Na realidade eu e o tordilho aprendemos juntos, pois enquanto o pai ensinava o cavalo a puxar a capinadeira, eu aprendia a manejá-la. Posso dizer que, considerando o entrelaçamento entre trabalho e modo de vida, aprendi sobre a vida a partir desta relação com o cavalo. Ambos nos tornamos “sujeitos”, ou seja, fomos “domados” pelo trabalho, eu me tornando “gente” e ele um “bom cavalo” para as lidas. Também com ele iniciei os primeiros passos da montaria - sob orientação de meu pai – tais como encilhar e montar. Esta estreita relação com cavalos era compartilhada com diversas pessoas que eu vivenciava na experiência da vida cotidiana. Também estava presente na literatura sobre o pampa, nas músicas e poesias, porém, conforme percebi depois, era pouco considerada na literatura acadêmica das ciências sociais.

Quando passei a residir na cidade tinha como horizonte me tornar um pesquisador do rural, um sociólogo, e foi assim que em 2009 comecei a cursar a faculdade de bacharelado em Ciências Sociais na Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Durante o curso empreendi leituras de antropologia e sociologia em que o tema de discussão tinha como foco as relações sociais no meio rural. Por conseguinte, no final da graduação ingressei como pesquisador no “Inventário Nacional de Referências culturais – INRC – lidas campeiras na região de Bagé (1º Fase)²”. O INRC é uma metodologia desenvolvida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)/ Ministério da Cultura para a documentação e produção de conhecimento dos bens culturais de caráter imaterial. O trabalho do INRC – Lidas campeiras na região de Bagé/RS identificou, descreveu e documentou a pecuária extensiva (criação de bovinos, ovinos e equinos com fins econômicos) nas práticas e saberes que a compõe, como referência na constituição da cultura pampiana (RIETH et al, 2013). O trabalho de

² O trabalho de levantamento do inventário foi financiado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Se constituiu a partir de uma demanda da Prefeitura de Bagé/RS ao Instituto e acolhida pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), por intermédio do curso de Bacharelado em Antropologia que se utilizou da metodologia deste para inventariar os bens patrimoniais de caráter imaterial. A primeira fase compreende os anos de 2010-2013. A equipe de pesquisadores do INRC – Lidas Campeiras na região de Bagé/RS foi composta por: Flávia Maria Silva Rieth (Coordenadora), Marília Floôr Kosby, Liza Bilhalva Martins da Silva, Pablo Dobke, Marta Bonow, Daniel Vaz Lima, Cláudia Turra Magni (Consultora em Antropologia da Imagem), Fernando Camargo (Consultor em História), Erika Collischonn (Consultora em Geografia) Beatriz Muniz Freire e Marcus Benedetti (técnica/o IPHAN).

documentação consistia no preenchimento das fichas de identificação de bens imateriais inscrevendo as lidas num dos 4 livros de registros, o “livro dos Saberes”.

No decorrer do trabalho do inventário percebeu-se que a relação entre humanos e não humanos era enfatizado pelos interlocutores em suas falas e práticas como referências que influenciavam diretamente a forma de vida que levavam. O que denominamos “modo de ser campeiro” não poderia, assim, ser concebido sem levar em consideração os bois, os cavalos e os cachorros, além da cultura material. Os antropólogos experienciavam o trabalho de campo junto aos animais não humanos: O cachorro deitado aos pés dos pesquisadores e interlocutores, as entrevistas entre os cavalos nos espaços em que se fazem as domas, o caminhar no campo, junto aos interlocutores, entre as ovelhas e vacas mansas que ficam as voltas do domicílio da propriedade. Quando analisados através das relações estabelecidas se percebe que os animais não humanos constroem e são construídos como agentes que influenciam esse modo de vida, que denominamos, *campeiro*.

Embora a dimensão não humana não passou despercebida àqueles que construíram suas etnografias em diferentes lugares do pampa (ver LEAL, 1989, HOWES NETO, 2009), como também nos estudos sobre as transformações históricas deste lugar (ver MAESTRI, 2008, por exemplo), o foco não levava em consideração esta relação. Assim, a motivação dessa pesquisa, embasada na experiência do trabalho de campo, se inseriu no contexto dos diversos debates atuais que a chamada “virada animalista na antropologia” (SEGATA, 2014) tem sugerido. A antropologia se constituiu tendo como centro das suas reflexões a noção de humanidade em oposição à de animalidade, concebendo esta última categoria como uma deficiência de tudo que os humanos consideram ter, como a linguagem, a razão, a consciência moral. A imprecisão retórica desta noção se dá no sentido de que, ao mesmo tempo, somos lembrados que também somos animais refletindo a ambiguidade que se tem acerca do que é entendido como atributos do ser humano (INGOLD, 1995). Por conseguinte, as discussões contemporâneas da antropologia questionam as dicotomias constituídas sobre o “rótulo” natureza e cultura sendo uma delas a de humanidade e animalidade. Conforme Bruno Latour (1994), a antropologia, sendo uma criação dos “modernos” para entender os que não eram, interiorizou, nas suas práticas, conceitos e questões, a impossibilidade de uma simetria entre natureza e cultura se limitando somente a estudar a cultura, evitando os objetos da natureza, por sua vez, destinadas aos estudos das ciências naturais. Nesse sentido, Latour (1994, p. 102) afirma que a “noção de cultura é um artefato criado

por nosso afastamento da natureza”. O “projeto da modernidade” presumiu a separação completa entre humanos e não humanos desconsiderando esses últimos.

Entretanto, Latour (1994) se refere a um processo contrário ao “projeto da modernidade” que é o fato da “proliferação dos híbridos” (quase-objetos, quase-sujeitos) como um fenômeno no contexto desse projeto cuja manifestação era de que conseguiram separar a natureza da sociedade através do que o autor define como “práticas de purificação”. No entanto, o que realmente ocorreu no projeto da modernidade foi a mistura, cada vez maior, de humanos e não humanos gerando combinações. Por isso, a “constituição moderna” nega os híbridos ao mesmo tempo em que permite sua proliferação (LATOURE, 1994, p. 40). Nesse sentido que o autor afirma que “o mundo moderno jamais existiu” (idem, 1994, p. 44), ou seja, jamais funcionou de acordo com regras de sua “constituição” separando, ontologicamente, a natureza e sociedade.

Outro autor que questiona a noção da cultura, definida em oposição à de natureza, é Tim Ingold que elabora um olhar crítico sobre a concepção semiótica, surgida em meados dos anos de 1970, que concebe a cultura como uma “teia de significados” tecidas pelos humanos (GEERTZ, 2008). A crítica de Ingold se dá, segundo a leitura deste autor feito por Carlos Alberto Steil e Isabel Cristina de Moura Carvalho (2011), pela razão de que a cultura, concebida como uma “teia de significados”, coloca os humanos como estando suspenso num espaço imaginário que paira sobre o mundo dos objetos e organismos biológicos. Para Ingold o sentido se dá na percepção da ação que é comum a todos os organismos que habitam a atmosfera, ou seja, outras fontes de sentido, para além da cultura, são possíveis. No artigo “The architect and the bee: Reflections on the work of animals and men” (1983), Ingold propõe uma discussão, a partir da crítica a dicotomia cartesiana entre mente e corpo, que concebia os animais não humanos como autômatos incapazes de agirem a partir do conhecimento adquirido, mas na disposição dos seus órgãos. Assim, partindo da noção de Marx, em que a existência corporal humana constitui a condição do propósito consciente e intencionalidade em agir, Ingold estende essa noção aos animais. A experiência de estar no mundo agindo constrói uma “intenção consciente” sendo as habilidades, tanto dos animais não humanos como dos humanos, incorporadas na prática do treinamento configurando a aprendizagem, embora de maneiras distintas, de formas de saber/fazer. A questão antropológica não está no estudo da apropriação do não humano pelo intermédio da cultura, mas no reconhecimento das diversas singularidades de perspectivas dos organismos no seu habitar o mundo. (STEIL; CARVALHO, 2011).

Conforme indica Jean Segata (2014) a questão emergente nas discussões atuais da antropologia se refere ao lugar que os animais ocupam na composição do social enquanto agentes, sendo o desafio da etnografia identificar quando esses são atores influenciando a relação. Além disso, para Felipe Vander Velden (2011), o tema da sociedade construída também por animais, engendra questões políticas de “revisão nos modos como os humanos se relacionam com os demais seres que habitam o planeta” (ibidem, 2011, p. 131). A extensão dos direitos humanos aos outros animais é um processo, na sociedade contemporânea, que pode ser analisado a partir de percepção de que estes são capazes de sentir, tanto no sentido físico quanto no emocional (MATTOS, 2012). Nesse sentido, as “novas sensibilidades” que emergem com relação aos animais, se inserem no contexto das transformações que passa a sociedade (THOMAS, 1996), incumbindo à antropologia, rever suas práticas, conceitos e questões.

A partir dos ofícios levantados³ pelo INRC, minha dissertação se direcionou a uma reflexão sobre os aspectos que envolvem a doma de cavalos. De acordo com o dicionário de regionalismo do Rio Grande do Sul escrito por Zeno Cardoso Nunes e Rui Cardoso Nunes (1996, p. 152) o termo “doma” refere-se a um ato de “amansar animal xucro” e “domador” é o “amansador de potros”, que são os cavalos não iniciados no processo de adestramento. A definição que construí, a partir do trabalho de campo, está bastante próxima da elaborada pelos autores. Este ofício é um saber e modo de fazer que é praticado pelo *domador* concebido como um artífice que possui a habilidade das diferentes técnicas de ensinar cavalos para as práticas relacionadas aos trabalhos que envolvem a pecuária extensiva. O saber e modo de fazer da doma é constituído de diferentes momentos em que se acionam a utilização de determinados artefatos, estabelecendo uma interação em que o cavalo e o humano aprendem formas de comunicação. Considera-se uma troca de ensino e aprendizagem em que o domador ensina o cavalo ao passo que o cavalo ensina o domador, ou seja, no cotidiano da interação com diferentes cavalos, o domador desenvolve a habilidade na execução das técnicas,

³ O INRC – Lidas Campeiras na região de Bagé/RS identificou e documentou sete ofícios que compõem as “lidas campeiras”: a *esquila* (tosa de animais ovinos); *doma* que é o ofício de adestramento de cavalos; *tropeirismo* entendido como o transporte terrestre, a cavalo, de animais ovinos e bovinos; *lida caseira* (manutenção doméstica e cotidiana da propriedade rural); *pastoreio*; feitura de cercados cuja denominação é *aramados* e, por fim, o ofício do *guasqueiro* (fazedor de artefatos e utensílios em couro). Tais ofícios são abarcados pelo saber e modo de fazer de um único (porém múltiplo) agente, o “*campeiro*” sendo aquele que conhece e sabe fazer um pouco de cada um dos ofícios que compõem as lidas (Rieth; Rodrigues; Martins 2015).

experienciando diferentes maneiras de praticar a doma.

Os domadores não consideram o cavalo como um ser passivo, receptor e reprodutor de tarefas, mas um agente que, conforme a sua personalidade, vai demandar o manejo de diferentes habilidades para ensiná-lo, ou seja, o cavalo aprende a partir de uma relação. É ilustrativo a expressão “*buscar a volta do cavalo*” que significa levar em consideração a “personalidade” do animal não humano na lida: “*É ele quem te ensina. Se tu quer fazer alguma coisa com ele e ele não permite, tens que buscar outro jeito. Tens que buscar a volta dele*”. (Seu Denílson, domador que residia no município de Candiota/RS). Cada animal é único, tendo uma determinada individualidade, e o domador deve estudá-lo, conhecê-lo, para poder ensinar-lhe: “*Tu estudas o cavalo e é o cavalo quem te dá as dicas*” (Neco, domador que reside no município de Aceguá/RS). Os domadores, interlocutores deste trabalho, foram iniciados no ofício por meio de domadores mais velhos, no entanto, consideram que foi na prática cotidiana de interação com os cavalos que desenvolveram a habilidade técnica.

O que é o cavalo para os domadores? Por que ambos aprendem a partir de uma interação? Este texto – que apresenta a dissertação - discorre sobre estas questões que envolvem a relação entre humanos e cavalos no contexto do pampa brasileiro tendo como objetivo central contribuir às discussões antropológicas acerca das transformações que ocorrem na sociedade contemporânea – e também na área – acerca da relação entre humanos e não humanos o que engendra uma reflexão sobre as diferentes possibilidades dos seres construírem e constituírem esse termo complexo que chamamos de social.

2 – O pampa, os domadores e os cavalos

A entrada no “campo” se deu junto aos pesquisadores do “INRC – Lidas Campeiras”, que estavam na pesquisa desde o ano de 2010 e tinham consolidado um conjunto de relações com diversos interlocutores. Por meio dessa trajetória de vivências, diversas questões perpassavam as discussões do grupo. Assim, minha iniciação no ofício de “inventar cultura” (WAGNER, 2010), se deu por meio das relações estabelecidas com os pesquisadores da equipe. As experiências vividas em campo por cada integrante que, no encontro com o “outro”, os percebiam a partir da própria existência, ou seja, por meio da experiência de mundo e também da trajetória acadêmica, uma vez que eram compartilhadas, criavam e ensinavam novos olhares e novas questões. Essa experiência influencia todas as discussões que desenvolvi nessa dissertação não havendo fronteiras

entre minhas reflexões e as do grupo.

A partir da experiência de campo observamos que a integração histórica e cultural do sítio da pesquisa poderia ser concebida por meio da noção de “malha” de Tim Ingold (2012) que se refere ao entrelaçamento das trajetórias de animais humanos, animais não humanos e artefatos que, em constante circulação, se encontram, se tramam criando diferentes combinações constituindo, assim, o ambiente. O pampa ocupa uma área geográfica de 700 mil km² que se estende entre os países do Brasil, Uruguai e Argentina. No Brasil, a distribuição das terras pampeanas se dá na metade sul do Rio Grande do Sul ocupando cerca de 63% do território. A vegetação composta por gramíneas, apresenta à percepção daqueles que o habitam, planícies imensas e desertas com pequenas matas, principalmente em volta dos cursos d’água. Essa configuração de ambientes campestres deu ao pampa uma “vocação” para a atividade pecuária. Por conseguinte, no sentido dado por Ondina Fachel Leal (1997),   uma “ rea cultural” que não coincide com os limites políticos e geográficos, mas vem se constituindo através da circula o dos animais humanos, dos outros animais, dos artefatos e dos saberes/fazerem que compõem as lidas campeiras. (LEAL 1997; RIETH et al 2013). Os caminhos construídos por meio das *tropeadas* que consistia no transporte, a cavalo, de rebanhos (bovinos e ovinos) de uma propriedade para outra e também das propriedades para as *charqueadas* que eram estabelecimentos que abatiam o gado para fabricar carne seca e salgada, chamado *charque* foram constituindo o chamado “caminho das tropas” (RIETH et al, 2013). Estes caminhos são atualizados considerando que atualmente são estradas e rodovias constituídas a partir das circula es dos humanos e não humanos.

Historicamente a paisagem do pampa vem transformando-se. Grandes extensões de terra, antes voltadas exclusivamente para a cria o de gado foram modificando-se suas atividades. Essas transforma es da pecuária influenciam diretamente nas configura es do ambiente e, conseqentemente, no modo de vida dos domadores. A configura o sociocultural, geográfica e biológica do pampa está associada   introdu o, pelos europeus, de animais bovinos e cavalares, e a introdu o de artefatos como o alambrado, por exemplo. (MAESTRI, 2008; PRIMO, 2004; REICHEL, 2006). O processo de domestica o e valoriza o econ mica do rebanho bovino se deu inicialmente pela valoriza o do couro que era exportado para a Europa. Em um primeiro momento o gado era caçado sem a preocupa o com a prolifera o e cuidado desses rebanhos, pratica que envolvia portugueses e espanhóis, grupos indígenas tais como charruas, minuanos e guaranis, e também cativos (MAESTRI, 2008). O couro era levado para Rio Grande,

Montevidéo e Buenos Aires e exportado para a Europa. As primeiras estâncias⁴ são entendidas por Maestri (2008, p. 190) como “fazendas chimarrãs” em que o gado começa a ser manejado, porém, de forma muito precária. A partir dos anos 1780, quando acontece o fortalecimento da produção charqueadora de grande porte no Rio Grande do Sul, tem-se a valorização, para além do couro, da carne, e nesse sentido a domesticação do gado intensifica-se surgindo um tipo de propriedade denominada de “fazenda crioula”.

A doma [domesticação] crescente dos bovinos constituiu o primeiro grande salto, da fazenda chimarrã a fazenda crioula. A castração dos novilhos pacificava os rebanhos e favorecia o engorde dos capados. Bovinos inteiros ganham mais peso pelo efeito anabólico dos hormônios testiculares, mas levam mais tempo para acumular gordura; castrados, ganham menos peso, mas produzem melhores carcaças pela deposição de gorduras. (MAESTRI, 2008, p. 192).

Conforme Guilherme Howes Neto (2009, p. 69) a partir do final do século XVII que surge o “tipo social” entendido como “*gaudério*”, sendo um “*vaqueiro errante*”, um nômade que trabalhava tanto preando gado para os padres Jesuítas quanto por conta própria, vendendo couros, sebos, equinos, muares, entre outros. Esses homens, a cavalo, gozavam certa liberdade, embora sendo recriminados pelas autoridades públicas. Maestri (2008, p. 253) se refere às reclamações das autoridades no sentido de que a campanha estava infestada desses homens nômades que ganhavam sua subsistência no roubo e pilhagem de gado e couro. Aqui, retoma-se a referência de Ondina Leal de que essa “área cultural”, se constituiu (e se constitui) por meio da mobilidade de diferentes entes que ultrapassam os limites geográficos e políticos do Brasil, adentrando na paisagem cultural dos países limítrofes: “É sem dúvida, a região geográfica do pampa, seus homens e seus cavalos, que torna-se o grande semantizador das práticas culturais, encompassando outras diversidades e reconstituindo-se como diferença vis a vis uma suposta homogeneidade da cultura nacional.” (LEAL, 1997, p. 202). Os relatos de viajantes que percorreram o Rio Grande do Sul nos séculos XVIII e XIX, se referem ao modo de vida desses *gaudérios* destacando a figura do gaúcho a cavalo em que este último é percebido como a extensão do humano moldando o corpo e mente.

⁴ Propriedades rurais com grandes extensões de terra voltadas para a pecuária.

“Muito repugna ao gaúcho toda a ocupação que não seja a cavalo ou a galope. Quase não sabe andar a pé e, quando faz, mesmo que seja apenas para atravessar a rua, mostra-se desgostoso e de má vontade. Quando se reúnem os gaúchos nas pulperias⁵ ou em outros locais, permanecem sempre a cavalo, mesmo que a conversação dure várias horas.” (DOM FÉLIX AZARA *apud* REVERBEL, 1986, p. 34).

O gaúcho passa mais da metade de sua vida sobre o cavalo, às vezes, come e cochila sobre a sela. A pé, não sabe caminhar direito e ao arrastar suas esporas enormes e pesadas, que impedem de caminhar como nós, parece um pássaro desterrado e submetido a viver sobre a terra. [...]. Desta necessidade de vida *aérea*, tomam forma e medida mil elementos da vida física e moral do gaúcho, desde seu esqueleto até a mais terna expansão de seus sentimentos. (MANTEGAZZA, 1916 [1867], p. 59 *apud* LEAL, 1997, p. 204/205).

A suposta liberdade, segundo o mesmo autor, teria começado a entrar em crise a partir da segunda metade do século XIX quando os campos começam a serem cercados (MAESTRE, 2008, p. 258). Foi com o aumento do número de estâncias⁶, advindas da política de distribuição de sesmarias, iniciada a partir dos anos 1730, em que a Coroa portuguesa concedia terras principalmente a militares e tropeiros, que o *gaudério* se transformou em uma mão-de-obra empregada, ou seja, num peão ocasional ou permanente (HOWES NETO, 2009, p. 70). Uma vez demarcada à propriedade, cercava-se, em princípio através de divisórias naturais como cercas de pedras, de vegetais espinhosos, utilizando-se de rios, fazendo valas.

A doma era praticada em campo aberto, onde os cavalos “*não iniciados*” conhecidos como “*potros*” eram *arrebanhados* - caçados - através das *boleadeiras* ou *laço* e presos ao *palanque*⁷ onde eram trabalhados. Com o surgimento das estâncias passou-se a usar a *mangueira*⁸ para prender os cavalos a serem domados. No interior desta, no que chamam de “*praia da mangueira*”, eram *laçados* e levados ao *palanque* para serem “*amanuciados*” (amansados, acostumando-os a presença e ao toque do humano e dos artefatos de montaria) ou já eram *maneados* (presos por uma corda, feita de couro, nas patas), *encilhados*, e depois levados para fora da *mangueira* para serem montados. O domador percorria de estância em estância domando cavalos que seriam voltados para *lida campeira*, para transporte, deslocamento das pessoas no campo e para a guerra. Em trabalho de campo os pesquisadores do INRC – Lidas campeiras encontraram o Seu Nelson, domador que, no contexto do trabalho de campo, residia num

⁵ Pequenos estabelecimentos comerciais.

⁶ Propriedades rurais.

⁷ Tronco de madeira com 3,5m de altura em que 1,5 ficam enterrados no chão.

⁸ Curral de pedra ou madeira que serve para prender os animais.

bairro localizado na cidade de Bagé/RS. Este iniciou o ofício aos dezesseis anos de idade e por muito tempo foi *domador tropilheiro*⁹ sendo seus cavalos domados, “na estrada”, ou seja, não tinha um espaço fixo para praticar o ofício. No momento com sessenta e sete anos, dizia que ainda domava cavalos, porém em menor quantidade. O domador relata sua vivência: “*Eu domava solto, eu sempre andava na estrada com 20, 30, 40 baguais, um com um cincerro na frente, outro de atrás, o culatreiro, ia atrás batendo o sino. Eu sempre andava com a tropilha por diante, cheio de corda!*”

Percorrendo o pampa seguindo as indicações dadas pelos interlocutores de pessoas que consideravam “referência¹⁰” na prática dos ofícios, fomos *tramando os tentos*¹¹ por meio da mobilidade dos interlocutores pela área cultural como se pode observar neste excerto da fala de seu Nelson: “*Eu era assim né, as vezes me dava vontade de trocar de estância*¹², *pois eu domava em estâncias, e ia para onde os cavalos pegavam!*” A vida de andarilho, nômade, caminhando, junto com os cavalos, por diversos caminhos do pampa é destacado pelo domador como construtor do seu modo de viver. Foram constantes os casos em que encontramos domadores que trabalhavam somente alguns dias nas estâncias e partiam para trabalharem em outra. Seu Nelson vivia de estância em estância *domando*. Acertava o preço do serviço com o *patrão* (proprietário da estância) e, ou ficava na estância *domando* os cavalos ou *formava tropilhas* e saía *andarilho*. E quando os cavalos já estavam *domados*, voltava para entregá-los. A doma era completa, “*para toda a lida*”. O processo durava um ano com paradas entre as etapas (chamadas *sovas*), e os cavalos a serem domados tinham em média cinco anos de idade. Na *primeira sova* ensinava-se de *bocal* deixando o cavalo pronto para as *lidas*. Assim, dava a *primeira sova* e descansava por dois meses e dava-se a *segunda sova* quando se ensinava com o *freio*.

Inseridos nos processos mais amplos de transformações da pecuária esses trabalhadores tem de se (re)inventarem e atualizarem seu modo de viver. Estes circulam fisicamente ou, virtualmente, do campo para a cidade e da cidade para o campo. No que

⁹ Tropilha consistia num grupo de cavalos “baseado no instinto gregário dos cavalos, amadrinhados pela égua madrinha” (JACQUES, 2008, p. 35), sendo esta um animal já domado, manso, experiente, a qual usava um cincerro pendurado no pescoço em que o som que produzia fazia os demais cavalos ficarem em sua volta, não se dispersando.

¹⁰ Ao longo da pesquisa contactou-se cerca de 20 interlocutores que eram domadores de cavalos ao passo que muitos destes interlocutores não realizavam somente a doma sendo também peões campeiros, guasqueiros, alambreadores, entre outros ofícios relacionados a manutenção da pecuária.

¹¹ Os *tentos* são pequenas tiras de couro de animais vacuns e cavalares as quais são *lonqueadas*, ou seja, preparadas por meio da limpeza e retirada dos pêlos, ao mesmo tempo em que se vai amaciando-as, para depois serem tramadas (trançadas) construindo um artefato em couro.

¹² Grandes propriedades rurais voltadas para a atividade da pecuária.

se refere aos domadores eles dizem que o “*bom domador*” nunca fica estabelecido num só local e está sempre circulando pelas cabanhas e estâncias, não criando vínculos com os lugares que trabalha, embora crie vínculos com as pessoas e os animais. Nos encontros com os interlocutores, sentados em roda para tomar o *chimarrão*¹³, a conversa girava em torno de histórias de cavalos que passaram pelas suas vidas e, nesse entrecruzamento de trajetórias, deixaram marcas no corpo daqueles que *domam*, assim como deixaram marcas nos seus sentimentos com lembranças boas e más. O domador se mantém informado sobre a trajetória que o cavalo, que passou pela sua vida, segue construindo.

Fiz trabalho de campo no meio urbano experienciando o modo de vida nas hospedarias e centro de doma para cavalos. Em visita a um destes estabelecimentos conversei com Marcos Vinicius que era domador e auxiliava nas atividades cotidianas da hospedaria. O domador, na época com 28 anos, residia em capão do leão e durante a semana trabalha na hospedaria. Praticava o ofício desde os 15 anos aprendendo com o pai que trabalhava numa cabanha localizada no município de Santa Vitória do palmar. Enquanto conversava comigo, este retirava os cavalos das baias, levando primeiramente para um recipiente com água para poderem beber e, enquanto isso, o cabanheiro escovava a pelagem com uma vassoura para retirar-lhe as cascas de arroz. Além de *domador*, Marcos Vinicius é *ferrador*, *aramador* e *guasqueiro* e assim oferece outros serviços aos proprietários como ferrar os cascos dos cavalos e também vender, para essas pessoas, alguns artefatos em couro confeccionados pelas próprias mãos. É na avenida que o domador ensina os seus cavalos iniciando a prática da montaria na mangueira da cabanha quando é amadrinhado por outro trabalhador da hospedaria - o seu João - para depois treiná-los por entre os carros e pessoas na avenida. Os cavalos domados são, na maioria das vezes, para aqueles que frequentam a hospedaria, assim como os equinos da própria cabanha. Os cavalos são destinados para provas e rodeios e, assim, são ensinados a correr atrás do boi e não se assustar com o rebolear do laço. Quando o potro (cavalo que está sendo iniciado) demonstra habilidade e “inteligência” em praticar os ensinamentos do domador, disputará prêmios em provas equestres promovidas pela Associação Brasileira de Criadores de Cavalos Crioulos¹⁴ (ABCCC). Se este fica nos primeiros lugares o prêmio é dividido com o proprietário do cavalo.

¹³ Erva-mate (*illex paraguariensis*) colocada dentro de um recipiente, denominado de cuia. Ali coloca água quente e no qual se bebe por meio de um tubo metálico inserido na erva-mate, chamado *bomba*.

¹⁴ Entidade criada em 1931 por estancieiros do Rio Grande do Sul com o objetivo de padronizar a raça do cavalo crioulo que são animais descendentes dos cavalos da península ibérica que vieram para a América com os europeus, trazidos do velho mundo por serem considerados os mais resistentes. (ABCCC, 2013)

Jussemar Ferreira e Leticia Gonçalves (2011) apresentam uma ambiguidade na questão do trabalho do peão campeiro considerando que este é, acima de tudo, um estilo de vida que entra em conflito com as leis de trabalho estabelecidas pela legislação federal. Levantar de madrugada, tomar chimarrão no galpão e comer o churrasco, antes de sair o sol já esta “*se indo para o campo*” remetem, para além do trabalho, a um modo de vida que, por sua vez, entra em conflito com a legislação trabalhista que determina uma jornada de oito horas diárias. Há um entrelaçamento entre modo de vida e trabalho. A iniciação nessas atividades é o momento da construção desses jovens como pessoas, ou como homens, que os fazem se tornarem sujeitos (SILVA, 2013). A constituição enquanto pessoa e enquanto cavalo está para este modo de vida na condição do trabalho como constituidor do sujeito: O jovem torna-se *gente* - adulto – através da *lida*, do trabalho, sendo esta quem o “*doma*”. O cavalo, antes considerado *potro*, ou seja, não iniciado, tornou-se “*sujeito*” quando aprende a trabalhar nos serviços de campo. Na lida se estabelece uma relação entre humanos e cavalos em que o campeiro ensina o cavalo e este o ensina fazendo-o experienciar diferentes maneiras de praticar tal saber/fazer. Entretanto, para poder ensinar à um *potro* as habilidades da lida o campeiro/domador, além de aprender com os mais velhos, aprende também com um cavalo já experiente e que conhece as atividades. Quando o jovem peão começa a acompanhar os demais nas atividades de pastoreio aprende por meio da observação e prática. Entretanto, o cavalo que este monta já conhece os trabalhos e o iniciante tem que saber acompanhá-lo. Se caso estão conduzindo a tropa de bovinos para determinado lugar e um animal vacum “*refuga*”, que significa dizer quando o boi tenta fugir, o cavalo vai tentar impedir que este animal consiga a fuga. Ao campeiro cabe acompanhá-lo a ação com movimentos corporais. Portanto, os campeiros sempre dizem que “*para ensinar tem que aprender a fazer*”.

3 – Aprendizagem como pratica e treinamento

Junto à equipe de pesquisadores do INRC iniciei, na segunda metade do ano de 2012, os trabalhos de campo emaranhando minha trajetória junto a malha constituída pelos interlocutores e pesquisadores. A primeira vivencia de campo se deu em julho de 2012 quando visitamos uma hospedaria e centro de treinamento para cavalos que estava localizada na cidade de Pelotas. Sérgio e Lucia eram os proprietários desta hospedaria residindo, no local, com dois filhos. Sérgio era domador e ensinava os cavalos, tanto para participar de provas de equitação como para as atividades no pastoreio. Lucia, que é

veterinária, junto com os afazeres da casa, era responsável pela parte clínica dos cavalos. Na segunda visita, sendo a primeira que realizei não estando acompanhado pela equipe, aconteceu em fevereiro de 2013 quando o casal residia em outro local. Enquanto conversava com a Lucia, Sérgio seguia trabalhando os exercícios de doma dos cavalos. Lucia me inseriu nas questões que envolvem a doma de cavalos no que se refere as técnicas e seus princípios. Enquanto nós observávamos o domador praticando, ela ia me explicando o que Sérgio estava trabalhando no cavalo ao mesmo tempo em que compartilhava os assuntos que envolvem os domadores. Nesses primeiros momentos em campo comecei a perceber que humanos e cavalos circulam por diversos lugares sendo a hospedaria um desses locais. Com a Lucia também me foi apresentado à questão que envolve as diferentes técnicas de doma classificadas de acordo com a graduação da violência utilizada para domar o cavalo. Já indicava que nessa questão estava envolvida a relação estabelecida entre o domador e o cavalo: “(...) *é o cavalo que faz com que fique mais violenta. Se este é um cavalo muito bravo, não se deixa manejar muito né. Às vezes eu tenho pena dos cavalos assim né.*”

Existem diversas técnicas de domar as quais, basicamente, se classificam de acordo com a graduação da violência empreendida: na *doma tradicional* ou *gaúcha* são utilizadas técnicas de reforço, tendo centralidade o uso da força e imposição, em que se acionam artefatos como rebenques, *esporas*¹⁵. Entretanto, existem regras que estabelecem o empreendimento de um ato de violência, ou seja, de castigar e machucar o animal, tendo princípio na noção de reciprocidade entre o domador e o cavalo em que a violência do domador tem que ser em resposta de uma ação negativa do cavalo. No mesmo sentido, a violência do cavalo é resposta a violência, sem justificativa, do domador. A discussão sobre o que é um ato de violência e o que não é um ato de violência é debatida entre os domadores conforme pode-se observar nas palavras de Seu Nelson – domador que reside em Bagé/RS em entrevista ao INRC: “(...) *com carinho o animal se amansa! Eu não judio de animal, eu só trato o animal com carinho. Eu era de dar uma*

¹⁵ “É um artefato tridimensional e consiste de uma armação de metal (em geral ferro) em forma de “U”. Na sua volta externa (volta do “U”), uma “roseta” se encontra acoplada à armação, por meio de uma extensão (“papagaio” – de 3 a 4cm ou mais) do próprio metal. A parte interna da volta do “U” fica encaixada no calcanhar da pessoa que usa a espora; uma corrente de metal ou o tento de couro faz um outro “U” que é acoplado por baixo do pé, firmando a espora no taco (salto) da bota do campeiro. Tentos de couro são utilizados fazendo voltas pela frente do pé, passando pela extensão de metal onde se encontra a “roseta”, com o objetivo de evitar que a espora se solte do pé. A “roseta” é um artefato de metal (em geral ferro ou latão) quase bidimensional, circular, achatado, de 2cm de diâmetro ou mais, com pontas agudas em toda a sua volta (pontas também variam de tamanho e de quantidade, de acordo com o tamanho da roseta)”. (Rieth et al 2013: S/N).

*tunda*¹⁶ num cavalo, quando eu não podia com ele, e me abraçar nele e dizer chorando: “Não me faz mais isso rapaz, senão vou te rebentar a pau!” Chegava a chorar abraçado no pescoço do animal e no outro dia este estava me seguindo. Os animais agarram medo desses caras que judiam [sem razão]: já vem a pau pela cabeça dos animais né! O animal fica com raiva também. Agarra medo e agarra raiva! Por trás do debate de violência e não violência estabelecido entre os domadores está a discussão da melhor maneira de ensinar o cavalo. A diferença entre as domas está na “*maneira de lidar*” com o *potro* e a escolha técnica é determinada a partir da relação estabelecida.

A doma, um saber e modo de fazer histórico e culturalmente construído, vem constituindo-se nessa área cultural, dentro de um processo histórico de circulação de elementos humanos e não humanos que, nos encontros com os “outros” aprenderam novos saberes num movimento constante de invenção da cultura (WAGNER, 2010). Nos escritos de Bayard Bretanha Jacques (2008, p. 41), domador e Coronel do exército na cavalaria, é desenvolvido que a configuração histórica do pampa possibilitou a formação do que o autor denomina como “Escola de Equitação Gaúcha”. O autor entende a “escola de equitação” como o “entendimento do homem com o cavalo, sua forma de lida, a forma de ser, essa quantidade de regras, princípios e atitudes cujo ápice é o andar a cavalo.” (JACQUES, 2008, p. 27). Assim, o termo se refere ao desenvolvimento, “entre erros e acertos”, de um conjunto de saberes e práticas com vistas ao aperfeiçoamento de uma “comunicação” harmônica entre o humano e o cavalo consistindo em uma “manifestação artística”. Por conseguinte, as técnicas de domar são as bases da equitação. “E a doma nada mais é do que um meio para chegar à utilização harmônica do cavalo e o exercício pleno dessa arte que se vai desenvolver através do treinamento e muito tempo de dedicação” (Ibidem, p. 114). Portanto, a equitação é o conjunto formado pelo aperfeiçoamento das práticas de doma (iniciação) e treinamento dos equinos.

A “escola de equitação gaúcha” se constituiu a partir da integração da “equitação Ibérica” vinda com os europeus e voltada para as práticas de guerra, com a técnica desenvolvida pelos indígenas (charruas, minuanos e missioneiros). A primeira escola, que chegou à América com os europeus, surgiu no movimento das Cruzadas que foram movimentos militares, sob o comando da Igreja Católica da Europa Ocidental que, entre os séculos XI e XIII, objetivou recuperar a Terra Santa (hoje território da Palestina).

¹⁶ Bater, violentar com rebenque, o mesmo que o dado pela expressão “*rebentar a pau*”.

Segundo Jacques (2008) foi nesse movimento em que se capacitou o cavalo para a guerra. A escola de equitação que se desenvolveu na Europa Ocidental chamava-se “brida” voltada para o choque de carga, ou seja, o encontro frente a frente entre cavaleiros adornados por armaduras de ferro, além de lanças e escudo, montando cavalos grandes e pesados também protegidos por armaduras. A esse movimento das cruzadas iniciou a ocupação pelos povos Árabes da península ibérica, levando consigo o cavalo árabe e a própria escola de equitação. Pelo lado dos mouros tinha-se a “escola gineta”, termo que vinha de “Xenetes”, povos do norte da África que montavam cavalos pequenos e ágeis usando o arco, a flecha e a espada. Assim, enquanto a escola brida tinha como tática de guerra o embate frontal, com pouca mobilidade lateral, a escola gineta recusava o ataque frontal, atacando pelos flancos e retaguarda fazendo uma guerra de grande mobilidade. A entrada da escola gineta na Europa transformou a escola de equitação brida sendo, de acordo com o autor, a hibridização dessas duas escolas que chegou à América trazida pelos “conquistadores europeus”. “O cavaleiro usava um cavalo enérgico, que praticava as escaramuças das escolas vigentes da época, uma armadura leve que lhe abrigava o peito, um elmo que não lhe tapava o rosto, que lhe permitia obrar com velocidade e agilidade.” (JACQUES, 2008, p. 26).

Após o primeiro contato com os cavalos, já explorado anteriormente, os indígenas pampeanos e missionários, tornaram-se habilidosos cavaleiros e domadores. Após dominar a montaria que, a esses grupos, foi possível encarar o “deserto verde” do pampa, pois a pé eram impossibilitados de caçar animais para alimentação tendo de ficarem mais próximos dos rios. Além disso, estando a pé estavam vulneráveis a ataques de predadores. Entretanto, como enfatiza Felipe Vander Velden (2011) temos algumas informações sobre a reação desses grupos com os animais introduzidos pelos europeus, faltando-nos investigar a forma como esses animais e suas técnicas de criação foram (e são) absorvidas por tais grupos. “Nada sabemos sobre as alterações trazidas por esses seres nos domínios das técnicas, dos objetos, dos mitos e dos rituais, e sobre o modo de incorporá-los, criá-los e explorá-los nas aldeias” (ibidem, p. 145). As informações que levantei se referem ao fato de que o indígena criou um modo próprio de domar, tendo como princípio a paciência e perseverança, conquistando o animal. A “doma índia”, praticada em campo aberto, desenvolveu uma cultura material em artefatos confeccionados a partir do couro extraído dos animais vacuns e cavalares como, por exemplo, o *laço*, corda trançada, feita de couro, nylon ou outros materiais, com uma argola de metal em uma das extremidades ao passo que a outra extremidade passa por

dentro da argola, formando um anel com acorda, que é girada no ar, jogada sobre o animal, e esticada quando enlaçando este, até derrubá-lo. Outra técnica desenvolvida pelos indígenas é a do *bocal*, cuja técnica vou descrever mais adiante. Conforme relata João Cezimbra Jacques:

Dos charruas e dos minuanos herdaram os gaúchos o governo do cavalo, com o bocal de guasca sovada passado nas rédeas, durante os primeiros repasses do potro, isto é, durante a fase em que é ele redomão, metendo-se-lhe mais tarde o freio, depois do animal governar bem com as rédeas, munidas do dito bocal. Sistema de governar este que difere do trazido pelos europeus, portugueses e espanhóis, em que estes domavam de bridão, torneando o animal por meio de cada uma das canas da rédea de *per se*, não o habituando a governar para os lados, senão dessa maneira, aliás difícil, ao passo que, com o governo deixado pelos ditos índios, o cavalo cede finalmente para qualquer dos lados com as duas canas das rédeas unidas. É o sistema sul-rio-grandense e platino. (JACQUES, 1912, p.26-27, apud FREITAS, 1993, p. 449).

A escola de equitação gaúcha é a integração dessas duas formas de ensinar cavalos e conviveram e convivem juntas até os dias atuais.

Embora os domadores se referem a existência de duas técnicas dicotômicas de ensinar os cavalos sendo uma baseada em métodos “violentos” e a outra em métodos “não violentos”, a diferença entre as domas está na “*maneira de lidar*” com o *potro* constituída a partir de uma relação. Na convivência com os domadores percebi que as técnicas são híbridas e estão de acordo com a interação estabelecida com o cavalo. Esta interação vai sendo constituída nos processos da doma que se dividem em quatro momentos: *Amanunciação, puxar o queixo, primeiros galopes* e *iniciação do freio*:

A técnica de “*Amanunciar o potro*” significa acostumar o cavalo com o humano e com os artefatos utilizados para a montaria. Esse trabalho, muitas vezes é feito desde quando o *potro* está sendo desmamado pela égua, com seis meses de idade. Em conversa com Minga Blanco, domador e proprietário rural no município de Aceguá/RS, as técnicas da doma “ditas racionais” exploram este momento de iniciação do *potro*. Os interlocutores que praticam a “*doma tradicional*” adotam as técnicas de *amanunciação* para, como dizem, “*trabalhar a mansidão*” do cavalo facilitando a realização das próximas etapas. O processo está baseado no toque da mão do domador no corpo do animal, chamado “*palmeiar o potro*” que se inicia na cabeça, vai ao pescoço, ao corpo, chegando às patas traseiras. O domador, inicialmente, vai *palmeando o potro* segurando pelo buçal, pois o animal não está sensível ao toque. Também chamada de “*amansar de baixo*”, a *amanunciação* busca uma aproximação com o cavalo, visando estabelecer uma relação de confiança em que utiliza a linguagem corporal para se comunicar com

este. O domador observa as reações do cavalo ao mesmo tempo em que este observa as reações do domador. Segundo Minga Blanco, depois dessa etapa a técnica de doma adotada fica a critério do domador que, considerando o temperamento do cavalo, aciona o processo de utilização do freio ou do bridão, conforme o que aprendeu sobre o cavalo.

Após a *amanunção* vem à etapa denominada “*puxar o queixo*” considerado, pelos domadores que praticam as técnicas da “doma tradicional”, um dos principais momentos do processo de aprendizagem do cavalo, pois é o momento em que o *potro* irá conhecer o artefato chamado *bocal*, que é uma tira de couro, com três centímetros de largura, que é colocada no queixo do cavalo. O objetivo do ato de “*puxar do queixo*” é deixá-lo “*sensível de boca*” e assim quando, na próxima etapa que é o ato de montar, ele já saiba associar a vontade do cavaleiro a partir da sensação na rédea (DARWIN, 1937, P. 184). Nesse processo o cavalo é ensinado somente de *bocal* sendo que após isso deverá ser ensinado de *freio*⁵³ que seria um aperfeiçoamento do processo de doma, considerando que este já tem familiaridade com todos os comandos que se exige dele.

A terceira etapa consiste em montar no cavalo, também denominada como “*primeiro galope*”. O “*primeiro galope*” significa subir no animal, que está com os arreios, e trabalhar ele para que se acostume com os artefatos da montaria. Ao ser montado o cavalo muitas vezes começa a *corcovear*, a pular querendo expulsar o domador do seu lombo. Nas técnicas das “domas racionais”, baseadas no princípio de “avanço e recuo” (ROBERTS, 2001, p. 57) quando o cavalo *corcoveia*, o domador desce voltando a montar quando o animal para de pular. Assim, de forma perseverante, faz com que o cavalo vá percebendo que o domador não é um “agressor”, um predador, mas que somente quer ficar em cima e, aos poucos, vai permitindo que o monte. Por outro lado, na técnica da “doma tradicional” o domador fica em cima mostrando-o ao cavalo que deve acostumar-se com esse fato.

Pode-se considerar o momento de “*enfrenar*” o cavalo como a etapa final dos principais processos de ensinamento. Acontece quando este passa a atender o *freio*. O *freio* é uma embocadura de ferro, metal, madeira, borracha que se compõem de barra de “ferro doce”, parte que vai dentro da boca do cavalo, sem articulações e tendo uma elevação na parte central exercendo uma pressão na boca do animal. É segurado pela *cabeçada* que é um artefato, confeccionado em couro, que envolve a cabeça do cavalo. Está anexada na parte de cima da perna do freio enquanto na parte de baixo são anexadas as rédeas. Nas domas ditas “*racionais*” tem prevalência à utilização do artefato chamado *bridão* que é uma embocadura de ferro, metal, madeira, borracha que se compõem de

barra, cuja a parte que vai dentro da boca é ligada por articulações. Por exercer uma pressão menos intensa na boca do cavalo, os domadores que praticam a técnica entendem que o *bridão* maltrata menos o animal. Muitos domadores que utilizam o *bridão* dispensam a utilização do *bocal* considerando que não se necessita desse processo mais intenso. Entretanto, nos relatos de domadores com quem conversei, utilizam - se os três artefatos no processo de doma seguindo esta ordem: *Bocal*, *freio* e *bridão*. O princípio que orienta a técnica se refere ao fato de, conforme o cavalo vai conhecendo e acostumando com a pressão na boca, vai-se diminuindo a intensidade. Existem diversos tipos de *freios* e *bridões* que serão acionados conforme vai demandando o processo de aprendizagem do cavalo.

Ao final deste processo os domadores consideram que o cavalo está “*sujeito pela boca*” e, nesse sentido, está apto para desenvolver os ensinamentos das atividades que envolvem a lida no campo ou as diversas competições. O processo de ensinar o cavalo é contínuo sendo que essas etapas iniciais ficarão completas em poucos meses embora segue-se aprofundando os ensinamentos. Embora os domadores tenham preferências por uma técnica em detrimento da outra, consideram que a característica do cavalo, ou seja, sua personalidade que rege a demanda de determinado saber/fazer. Para Seu João, domador numa hospedaria para cavalos na cidade de Pelotas/RS, as diferenças entre as domas estão na “*maneira de lidar*” com o cavalo e os artefatos serão acionados conforme a relação estabelecida.

4 - Considerações finais

As primeiras etapas do processo de doma buscam a aprendizagem dessas diferentes formas de comunicação entre humano e cavalo, sendo que, nestas etapas são acionados determinados artefatos e diferentes técnicas conforme o domador vai aprendendo sobre o cavalo. Para os domadores o cavalo não é um ser passivo, receptor e reprodutor de tarefas, mas um agente que, conforme a sua personalidade, vai influenciar e condicionar o manejo de diferentes habilidades para ensiná-lo. Os praticantes se referem à doma de um cavalo como a leitura de “*um livro*”. Tal como cada livro conta uma história diferente e se aprende algo novo, em cada doma se constrói uma história diferente e aprende-se novas habilidades, pois cada *animal é único*, tendo uma personalidade própria, cabendo ao domador estudá-lo: “*Tu estudas o cavalo e o cavalo te dá as dicas*”. As diferentes personalidades equinas – manso, *velhaco* (traíçoeiro) e

baldo (rebelde) –, junto a forma de ser constituída na experiência de habitar o mundo - como o cavalo “*redomão*” sendo aquele que não aprendeu os ensinamentos quando numa primeira tentativa de doma -, são aprendidos pelos domadores, tanto na interação com os cavalos como na rede de relações estabelecidas com outros domadores, e levados em consideração no processo de doma. A aprendizagem, portanto, seja dos humanos quanto dos cavalos é concebida como uma contínua incorporação de habilidades constituídas na experiência (INGOLD, 2010) e na vivência do cotidiano das lides pastoris.

5 - Referências

ABCCC. Disponível em:

<http://www.racacrioula.com.br/site/content/entidade/historia.php>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2013.

DARWIN. Charles. Viagem de um naturalista ao redor do mundo. Rio de Janeiro: Editora Cia. Brasil, 1937.

FERREIRA. Jussemar Weiss; GONÇALVES; Letícia de Faria. O pampa, o cavalo, a pedra e o trabalho. In: **IX REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DO MERCOSUL**. 10 a 13 de Julho de 2011, Curitiba.

FREITAS, Décio. O capitalismo pastoril. **Ensaio FEE**, Porto alegre, (14) 2, p. 438, 465, 1993.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: Por uma teoria interpretativa da cultura. In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008. pag. 05 – 21.

HOWES NETO, Guilherme. **De bota e bombacha**: Um estudo antropológico sobre identidades gaúchas e o tradicionalismo. 2009, 134 f, dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Centro de Ciências Sociais e Humanas, UFSM, Santa Maria.

INGOLD, Tim. The Architect and the Bee: Reflections on the Work of Animals and Men. **Man, New Series**, Vol. 18, No. 1, p. 1-20, Mar., 1983.

_____. Humanidade e animalidade. **Revista brasileira de ciências sociais**. Junho de 1995.

_____. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan./abr. 2010.

_____. Trazendo as coisas de volta à vida: Emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n.37, p. 25-44, jan./jun. 2012.

JACQUES. Bayard Bretanha. **Registros da eficiência da equitação gaúcha**: Primeiros escritos. Jaguarão: Autor, 2008.

JACQUES, João Cezimbra. **Assuntos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Escola de Engenharia, 1912.

LATOURE, Bruno. **Jamais fomos modernos**: Ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LEAL, Ondina Fachel. **The Gaúchos**: male culture and identity in the Pampas. Berkeley: University of California (USA), 1989. (Tese de Doutorado).

_____. Do etnografado ao etnografável: O “Sul” como área cultural. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 3, n° 7, p. 201 – 2014, outubro de 1997.

MAESTRI, Mario. O cativo, o gaúcho e o peão: Considerações sobre a fazenda pastoril rio-grandense (1680 – 1964). In: . **O Negro e o Gaúcho**: estâncias e fazendas no Rio Grande do Sul, Uruguai e Brasil. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2008, p. 169 – 271.

MATTOS, Liziane Gonçalves de. **Quando a “ajuda é animalitária”**: Um estudo antropológico sobre as sensibilidades e moralidades envolvidas no cuidado e proteção dos animais abandonados a partir de Porto Alegre/RS. 2012, 125f, Tese (Mestrado em Antropologia Social), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

NUNES, Zeno Cardoso. NUNES, Rui Cardoso Nunes. **Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins Livreiro Ed, 1996, 552f.

PRIMO, Armando Teixeira. **América**: Conquista e colonização. Porto Alegre: Movimento, 2004.

REICHEL, Heloisa Jochims. Fronteiras no Espaço Platino. In: **História Geral do Rio Grande do Sul**: Colônia. Passo Fundo: Méritos, 2006, p. 43 – 63.

REVERBEL, Carlos. O Cavalo. In: . **O Gaúcho**: Aspectos de sua formação no Rio Grande e no Rio da Prata. Porto Alegre: L&PM, 1986, pag. 27 – 42.

RIETH, Flávia ; KOSBY, Marília; SILVA, Liza Bilhalva da; RODRIGUES, Marta Bonow; DOBKE, Pablo; LIMA, Daniel Vaz. **Inventário Nacional de Referências Culturais**: Lidas Campeiras na Região de Bagé, RS (volume 3). 1. ed. Arroio Grande: Complexo Criativo Flor de Tuna, 2013. v. 1. 356p.

RIETH, Flávia ; RODRIGUES, Marta Bonow; SILVA, Liza Bilhalva da. AS LIDAS CAMPEIRAS NA REGIÃO DE BAGÉ/RS: sobre as relações entre homens, mulheres, animais e objetos na invenção da cultura campeira. **Trabalho apresentado na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia**, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2014, Natal/RN.

ROBERTS, M. **O homem que ouve cavalos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2001.

SEGATA, Jean. O que faz um animal de estimação na antropologia? **Revista novos debates**, vol. 1, n. 2.

SILVA, Liza Bilhalva Martins da. **Entre lidas**: Um estudo de masculinidades e trabalho campeiro na cidade. Trabalho de conclusão de curso (Dissertação de mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia – Mestrado (PPGA). Universidade Federal de Pelotas (UFPel), 2014.

STEIL, Carlos Alberto; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Diferentes aportes no âmbito da antropologia fenomenológica: Dialogo com Tim Ingold. In: _ (org.). **Cultura, percepção e ambiente**: Diálogos com Tim Ingold. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**: mudanças de atitude em relação as plantas e os animais (1500 – 1800). São Paulo: Companhia das letras, 1996.

VANDER VELDEN, Felipe Ferreira. Rebanhos em aldeias: Investigando a introdução de animais domesticados e formas de criação animal em povos indígenas na Amazônia (Rondônia). **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 129-158, jan./jun. 2011.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.